



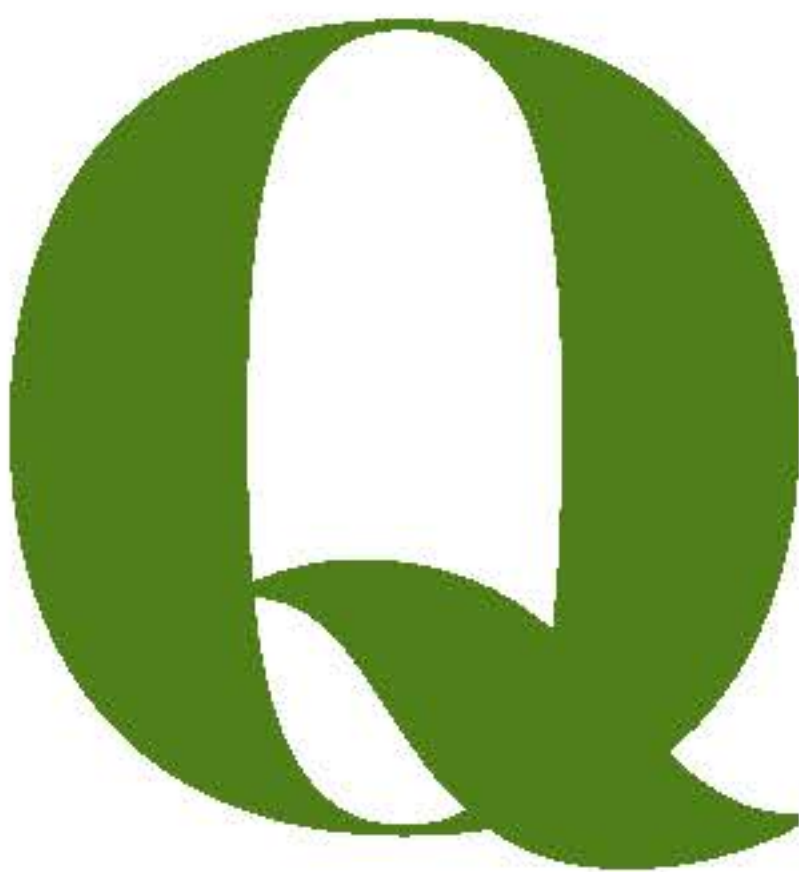
Histórias de jardim

Nasceu para instrução de príncipes, contribuiu para a ciência, foi pilhado por franceses e arrasado por um ciclone. Integrado no meio do casario de Lisboa, o Jardim Botânico da Ajuda foi o primeiro a ser criado em Portugal. Há 250 anos



TEXTO
MARIBELA FREITAS





uem sobe a Calçada da Ajuda, em Lisboa, quase no cimo e um pouco antes de chegar ao palácio, passa à esquerda pelo portão que dá acesso ao Jardim Botânico da Ajuda. Os mais distraídos podem até nem dar por ele, dado o seu ar discreto. Este que foi o primeiro jardim botânico criado em Portugal e o décimo quinto a nível europeu, corria o ano de 1768, é um repositório de história. Pensado como espaço de instrução e recreio para príncipes, foi um importante centro de ciência. Comemora este ano 250 anos e durante a sua vida foi pilhado pelos franceses, parcialmente destruído por um ciclone, reabilitado como jardim histórico que é e continua vivo, com centenas de espécies, sendo a mais antiga um dragoeiro com quase 400 anos. Há também quem o acuse de ser o responsável pelos jacarandás que povoam a capital.

A história do jardim está intimamente ligada ao terramoto que em 1755 assolou a cidade de Lisboa. Após este acontecimento que marcou a vida nacional,

o rei D. José decidiu mudar a residência real para a encosta da Ajuda, uma zona mais elevada e segura. Como se recusava a viver em casas de alvenaria, foi edificada nesta zona uma construção em madeira que foi apelidada pelo povo de 'Real Barraca' e que desapareceu em 1794, consumida pelo fogo. No seu lugar ergueu-se o atual Palácio Nacional da Ajuda.

Foi nos terrenos anexos à 'Real Barraca', num espaço ocupado pela horta e pomar que envolviam a Quinta de Cima, que D. José decidiu mandar fazer um jardim botânico que servisse para a instrução e recreio dos príncipes, seus netos, D. José e D. João, futuro rei D. João VI, filhos de D. Maria I. E foi em Domingos Vandelli, naturalista italiano contratado em Pádua em 1764 como professor do Real Colégio dos Nobres pelo marquês de Pombal, que recaiu a responsabilidade de dar vida ao que é hoje o Jardim Botânico da Ajuda (JBA). Foi o primeiro diretor do jardim e, quatro anos mais tarde, deixou o seu jardineiro-chefe, Júlio Matiazzi, também de Pádua, à frente deste espaço para ir para Coimbra — onde em 1772 foi um dos fundadores e também primeiro diretor do Jardim Botânico daquela cidade.

No final do século XVIII, o assim chamado Jardim Real do Paço da Ajuda contava com uma área de cerca de quatro hectares, que ainda hoje mantém. É o mais antigo jardim da capital. Dois lagos barrocos e um pequeno chalé que serve de portaria dão as boas-vindas aos 30 mil a 36 mil visitantes que anualmente o visitam. Caminhando mais um pouco, através do empedrado, chega-se ao jardim em si.

Com uma localização ímpar no meio do casario da Ajuda, o jardim está organizado em dois terraços, virados a sul, com vista para o rio Tejo. "O terraço superior e o inferior estão desnivelados cerca de seis metros e a rodear todo este terraço superior e a dar caminho para o inferior temos uma balaustrada, muito bonita, para a qual as pessoas olham e pensam que

está suja e deveria ser limpa, mas que tem líquenes da idade do jardim", conta Dalila Espírito Santo, diretora do jardim. É por aqui que gosta de começar as visitas guiadas que lidera a este espaço verde bicentenário. Nesta estrutura em pedra foram identificadas mais de 40 espécies diferentes de líquenes que aos leigos parecem ser apenas pequenas manchas verdes, brancas e amarelas incrustadas na balaustrada, mas são mais do que isso e pela sua diversidade permitem "dar uma boa aula", refere.

DE CINCOMIL A 126 ESPÉCIES

O terraço superior foi sempre o que se designava por escola de botânica, enquanto o de baixo era o jardim de recreio, com um desenho de buxo que tem perto de 80 anos. E foi na 'escola' que se instalou uma coleção botânica em compartimentos geométricos. As missões botânicas realizadas durante toda a segunda metade do século XVIII às possessões portuguesas ultramarinas, as chamadas viagens filosóficas, muito contribuíram para a riqueza da coleção que chegou a ter de cerca de cinco mil espécies, embora este seja um número que não está absolutamente confirmado. "O desenho que agora aqui está corresponde a um que o professor Almeida Monteiro encontrou e que deveria ter correspondido ao desenho inicial que Domingos Vandelli fez. Foi esse desenho que a professora Cristina Castel-Branco recuperou", explica Dalila Espírito Santo.

Nos anos 90 do século XX, o JBA foi submetido a um processo de recuperação como jardim histórico que é, processo esse liderado pela professora e arquiteta paisagista Cristina Castel-Branco que foi acompanhada por uma vasta equipa. "O jardim fechava à hora do almoço ao fim de semana e ninguém o conhecia. Apenas 126 espécies sobreviviam, e por ano vendiam-se cerca de 600 bilhetes. Havia uns senhores idosos que através da junta de freguesia tinham



TIAGO MIRANDA

FONTE A emblemática fonte das 40 bicas e a escadaria que liga o terraço superior ao inferior são aqui vistas em dois tempos diferentes. A imagem antiga, a preto e branco, é de 1944 e ao seu lado figuram os mesmos espaços tal como são atualmente. Não se registam grandes mudanças, apenas no verde e na copa das árvores que envolvem estas estruturas

entrada grátis e à tarde tinham encontrado aqui um sítio agradável e soalheiro para jogar às cartas.” Conta ainda que o que mais a marcou foram “as árvores antigas que tinham uma presença fortíssima, a percepção de um potencial enorme e uma vista para o Tejo extraordinária”.

Em 1992 integrou o conselho diretivo do Instituto Superior de Agronomia da Universidade de Lisboa, entidade sob a qual está a tutela do JBA. Começou nessa altura um processo de sensibilização para a necessidade de reabilitar esta estrutura histórica. Em 1993 conseguiu um financiamento europeu para o início dos trabalhos. Mais tarde, “o projeto-piloto de valorização cultural e turística dos jardins históricos disponibilizou um verba de 585 mil euros para o restauro do primeiro jardim botânico português, mandado construir em 1768 por iniciativa do marquês de Pombal e que havia sido o ponto de chegada de milhares de espécies do Brasil, Índia, China e África”, revela a arquiteta paisagista. O JBA fechou para obras e “a partir da sua abertura, em 1997, passou dos 600 bilhetes vendidos para os cerca de 20 mil em 1998”, acrescenta.

ÁRVORES DE HIROXIMA

Seguindo os ensinamentos da UNESCO para a reabilitação de jardins históricos, que recomenda que as suas várias camadas devem ser mantidas, procedeu-se à limpeza e recuperação dos elementos

arquitetónicos e escultóricos dos dois terraços, à melhoria do sistema de drenagem e rega, bem como à reconstrução dos canteiros para o restabelecimento da coleção botânica do terraço superior. Construiu-se também um anfiteatro em pedra. A atual quadrícula — 1200 canteiros para herbáceos e pequenos arbustos — está organizada por áreas fitogeográficas, acompanhando o critério das árvores bicentenárias existentes.

Por aqui faz-se um périplo por oito regiões, nomeadamente África, região mediterrânica, América do Norte e Central, Ásia, Europa Central e Atlântica, Macaronésia, Austrália e Nova Zelândia e América do Sul. “A coleção fitogeográfica continua a ser escola, porque facilmente ensinamos o que é cada região e quais as adaptações que as plantas têm”, explica Dalila Espírito Santo. Encontram-se aqui espécies oriundas de todo o mundo. Por exemplo, aloés africanos ou a palmeira das vassouras — “é a única palmeira espontânea em Portugal e que se pode encontrar no Algarve”, explica. Há aroeiras, agaves, iucas, sálvias, uma árvore enorme chamada *figus macrophylla*, entre uma panóplia de espécies que dão vida e justificam a existência do jardim.

“Temos duas ginkgo bilobas, que são as únicas plantas que sobreviveram à bomba de Hiroxima. Ainda não sabemos o seu sexo, pois só é conhecido quando dão flor, o que ainda não aconteceu”, revela a diretora do JBA. Para alimentar toda esta estrutura verde, “usamos água de um sistema de minas que liga a Tapada da Ajuda ao jardim, e que é muito antigo”, salienta.

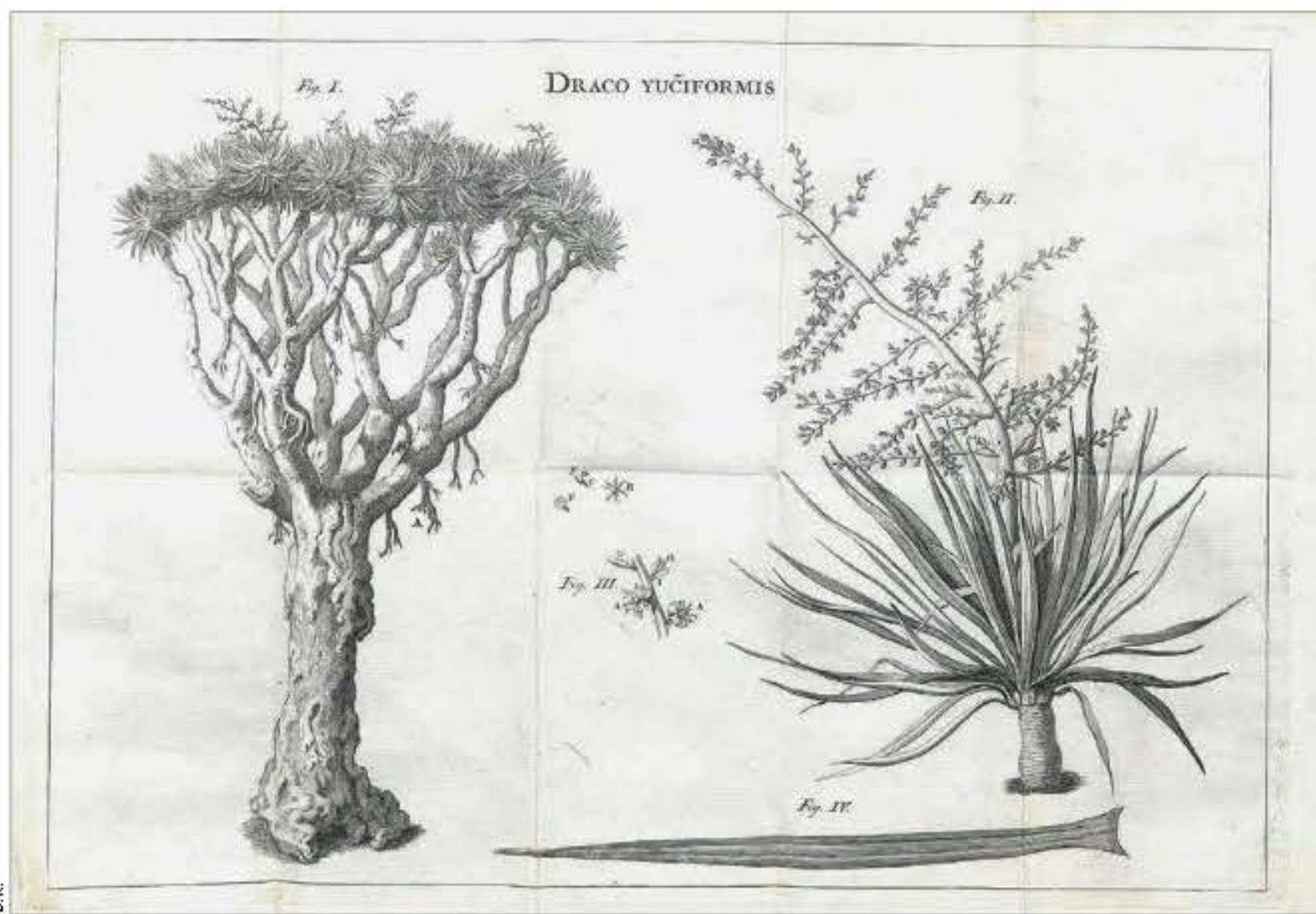
Na natureza, as plantas competem umas com as outras pela sobrevivência. Com espécies vindas de todo o mundo, e de condições diferentes das existentes em Portugal, há umas que vivem e outras que morrem. E morrem “pelo clima e competição, porque se formos ver debaixo de grandes árvores é difícil

encontrar plantas que cresçam bem”, ensina Dalila Espírito Santo. Mesmo assim o JBA conta atualmente com 1564 plantas registadas e há árvores muito antigas, presentes há 250 anos. Como por exemplo a *schotia afra*. Debaixo da sua copa imensa é possível descansar e ficar a ouvir os sons do vento na folhagem ou ver passar os pavões e demais aves que deambulam pelo jardim.

UM DRAGOEIRO COM 400 ANOS

Bem perto desta árvore imponente, fica a mais velha de todas, um drageiro que é também o símbolo do jardim da Ajuda. “O historiador Pedro Foyos afirma que o drageiro devia ter 150 anos quando veio para aqui, e portanto anda perto dos 400 anos. Fez parte de um lote de sete que o rei D. José deu autorização para serem trazidos da Madeira para Lisboa”, explica Dalila Espírito Santo. Em 1768 Domingos Vandelli, numa publicação de sua autoria intitulada “Dissertatio de Arbore Draconis, seu Dracaena”, apresenta uma ilustração e descrição de um drageiro que se pensa ser o que hoje ainda se exhibe no jardim. Uma teoria defendida por Cristina Castel-Branco e demais autores no livro “Jardim Botânico da Ajuda”, publicado em 1999 pela editora Livros Horizonte.

É um drageiro de copa hemisférica, e que atualmente se encontram em Cabo Verde. Há um exemplar que é filho dele, no terraço inferior do JBA, e os drageiros do Jardim Botânico de Lisboa serão também seus filhos, segundo Dalila Espírito Santo. O JBA esteve sob a tutela da Escola Politécnica durante um período da sua vida e quando, em 1878, foi criado o Jardim Botânico de Lisboa, muitas espécies foram levadas do seu irmão da Ajuda. Em abril de 2006 uma parte da estrutura do drageiro caiu devido a um problema de saúde e foram contratados especialistas que recomendaram a sua limpeza e colocação de uma estrutura para o segurar e evitar que viessem partes suas



DRAGOEIRO Imagem publicada na obra de Domingos Vandelli "Dissertatio de Arbore Draconis, seu Dracaena", em 1768

a desabar em cima de algum visitante. "Está a dizer adeus aos poucos, mas acho que ainda vai durar mais uma centena de anos", espera Dalila Espírito Santo.

E se esta árvore imensa veio de barco, como chegavam as plantas em pleno século XVIII e XIX ao Jardim Botânico da Ajuda? A diretora conta que havia plantas que vinham em sementes, bolbos, tubérculos, rizomas, ou seja, caules subterrâneos que se mantinham às escuras — só germinam quando têm luz e humidade. "Domingos Vandelli, num documento escrito pela sua mão, fala de plantas da América do Sul que vinham de galeão, fala sempre em sementes e bolbos e faz recomendações para que continuem a vir sementes, que ainda é hoje o sistema de manutenção dos jardins", salienta.

Ermelinda Moutinho Pataca, da Universidade de São Paulo, no artigo "Coleta, transporte e aclimação de plantas no império luso-brasileiro (1777-1822)", publicado na revista "Museologia & Interdisciplinaridade", em 2016, fala do transporte das plantas vivas e sementes por mar. Refere que envolveu a criação de técnicas e dispositivos nas embarcações para a sua sobrevivência e que "os navios transformaram-se em laboratórios flutuantes". O transporte por mar enfrentava desafios como a escassez de água doce, tempestades ou os ratos existentes nas embarcações. Cita no artigo José Mariano da Conceição Velloso,

sacerdote, professor, missionário e botânico brasileiro, e o seu livro de 1805 "Instruções para o transporte por mar de árvores, plantas vivas, sementes, e de outras diversas curiosidades naturais".

Velloso desenvolveu metodologias de preparação de sementes e plantas vivas, experimentando técnicas de transporte marítimo. Por exemplo, e para as sementes, a acomodação em areia, em papéis com terebintina ou nos seus próprios casulos. Concebe para as plantas caixas com vidros e mecanismos que as cobrissem das intempéries de variação do clima, da água salgada e dos movimentos dos navios e que podiam ser retiradas para que as plantas pudessem ficar ao ar livre durante o bom tempo. Quando chegassem ao seu destino deveriam ser plantadas com urgência.

Nuno Vieira Matias, almirante da Marinha Portuguesa, esteve ligado no início deste século à Associação dos Amigos do Jardim Botânico da Ajuda (AA-JBA). Entusiasta das questões relacionadas com o mar, revela que dada a necessidade que as plantas tinham de água doce, no transporte marítimo "caberia ao comandante do navio que as transportava decidir se a ração de água doce serviria para dar de beber aos seus marinheiros ou às plantas". Defende que desde D. Henrique que a Marinha tinha como incumbência explorar o mar e terras onde aportasse e explicar e organizar a fauna e flora que aí observasse. Ou não fossem os portugueses um povo de descobridores.

FILÓSOFOS E INVASORES

Essa mesma vontade de descoberta esteve na génese das viagens filosóficas que se fizeram na segunda metade do século XVIII. Segundo defende

Ermelinda Moutinho Pataca, realizaram-se concomitantemente à criação dos jardins botânicos para a constituição de coleções vivas. O seu planeamento às colónias portuguesas remonta à construção do JBA que além do jardim em si tinha instituições como o Gabinete/Museu de História Natural, administrado por Alexandre Rodrigues Ferreira, e a Casa de Risco, onde se desenhavam as espécies que aqui chegavam. Estas duas valências ficavam numas instalações ligadas ao jardim através de um portal em pedra que ainda hoje existe no terraço inferior. Havia também o laboratório de Química, que, segundo Dalila Espírito Santo, estaria instalado na parte de cima, no palácio Conde Óbidos, edificação que ainda hoje perdura e é ocupada no rés do chão pela direção do jardim e que pertencia à Quinta de Cima.

Estas quatro vertentes correspondiam à visão de Domingos Vandelli de que mais do que um sítio para a educação dos príncipes o jardim fosse "pelos interesses da economia, comércio e indústria". "O laboratório de química era uma unidade descrita como estando a par ou melhor do que muitas europeias. Por exemplo, para aqui se trazia o anil que se purificava e melhorava e depois era distribuído pela Europa", conta Dalila Espírito Santo. Na sua visão, "a Ciência de Lisboa estava aqui, era um núcleo dos mais reconhecidos a nível europeu".

E a riqueza do que existia não passou ao lado das invasões francesas. No princípio do século XIX, o jardim e Museu de História Natural foram despojados de grande parte dos exemplares botânicos que foram levados para Paris por ordem do general Junot. Domingos Vandelli foi acusado de francesismo, de os ter apoiado, o que lhe valeu, após as invasões francesas, a deportação para a ilha Terceira, nos Açores, e depois para Inglaterra. Quando foi deportado já tinha quase 80 anos e antes de morrer ainda voltou a Portugal. Após a saída dos franceses do país e o regresso dos reis a Portugal, D. João VI mandou que o jardim e o museu fossem abertos ao público, que o podia visitar às quintas-feiras, exceto se coincidisse com dias santos.

E com todos estes episódios da história nacional, o passeio ainda não avançou do tabuleiro superior do jardim, onde há muito para contar. Existem aqui estufas que guardam segredos. Uma serve para os trabalhos de multiplicação de plantas para manter a coleção botânica e nela permanece um resto do túnel que ligava o Palácio Nacional da Ajuda ao jardim e que foi interrompido com a construção da Calçada. Outra foi mandada erguer pelo rei D. Luís, na segunda metade do século XIX, para as suas orquídeas. "Foi considerada muito avançada para a época, porque está enterrada e isso faz com que as amplitudes térmicas não sejam muito grandes e tem um sistema de ventilação que não é dos melhores, e atualmente, com temperaturas altas como nós temos no verão, tomou-se imprópria para as orquídeas", explica a diretora do JBA. Há ainda outra estufa que foi transformada no restaurante Estufa Real, aquando do restauro liderado por Cristina Castel-Branco e que contribuiu para a dinamização da vida do jardim. António Guterres, atual secretário-geral da Organização das Nações Unidas e na altura primeiro-ministro, escolheu este restaurante para o copo de água do seu casamento com Catarina Vaz Pinto.

JACARANDÁS DE LISBOA

Das muitas árvores que adornam o terraço superior não há como não reparar na presença dos

O enorme dragoeiro está a dizer adeus aos poucos. "Acho que ainda vai durar mais uma centena de anos", diz Dalila Espírito Santo

Argentino Simões, mestre jardineiro, todos os anos cortava à mão os cerca de quatro quilómetros de buxo existentes

jacarandás. “Estão por toda a cidade de Lisboa, quanto a mim graças a Félix de Avelar Brotero e às árvores do JBA. Brotero dizia: ‘Venham ao jardim buscar sementes de jacarandá que eu dou e é uma belíssima árvore ornamental’. Os jacarandás de Lisboa nasceram aqui, seguramente”, enfatiza Dalila Espírito Santo. Félix de Avelar Brotero, o homem entusiasta dos jacarandás, dirigiu o jardim de 1811 até 1828 e a ele é atribuído um período áureo deste espaço. É o autor da primeira flora portuguesa, publicada em 1804, e era crítico e rival de Domingos Vandelli.

Vandelli, após a passagem por Coimbra, regressou a Lisboa a tempo inteiro em 1791 e permaneceu até 1810. Mandou vir plantas vivas e sementes dos jardins botânicos de todo o mundo, mas na sua ausência tinha ficado como encarregado do espaço o jardineiro-administrador Júlio Mattiazzi, também de Pádua. Domingos Vandelli acusou-o de ter privilegiado as obras e ter descuidado a conservação dos espécimes, o que fez com que, no final do século XVIII, das cinco mil espécies dispostas segundo o ‘sistema sexual’ (proposto por Carl Lineu, mestre de Vandelli), já só existissem 1200. Brotero encontrou este cenário e introduziu melhoramentos e, a seu mando, foram cultivadas muitas plantas. No catálogo das plantas em cultura da sua autoria registam-se 1370 espécies.

A partir do terraço superior pode aceder-se ainda ao anfiteatro onde já foi exibida uma ópera ou ir até à mata, único espaço onde as crianças podem correr. Daí, descendo um pouco e mais ou menos a meio, encontram-se umas escadas que levam ao terraço inferior e são replicadas no extremo oposto.

Com o seu desenho de buxo e lagos e fontes, esta era a parte dedicada ao recreio. Corria o ano de 1941 quando um forte ciclone assolou o jardim e arrancou, no terraço inferior, grande parte das árvores que continha, algumas com 200 anos. Na altura, e para cuidar do estrago acontecido, chamou-se o professor Francisco Caldeira Cabral. “O nosso primeiro arquiteto paisagista, ficou encantado por se ver o Tejo e achou que o jardim estava tão bonito que não se deveria voltar a plantar árvores no terraço inferior, era sim de recuperar o desenho de buxo e sabemos que este é dessa época e tem perto de 80 anos”, lembra a diretora do jardim. Uma idade que não o isenta de problemas.

Há uma doença que apareceu no jardim porque se trouxe buxos de fora para plantar onde havia falhas. Caprichoso, este arbusto não gosta de sombra e, à medida que as árvores crescem, vaiseando debaixo delas. A direção do jardim está a tentar que as falhas desta estrutura verde já um pouco idosas sejam repostas com plantas produzidas localmente. Conta Cristina Castel-Branco que Argentino Simões, mestre jardineiro que trabalhou no jardim até 1999, cortava à mão anualmente os cerca de quatro quilómetros de buxo existentes. Após o 25 de Abril, “o jardim

foi muito vandalizado e houve pessoas que vieram cá roubar buxo”, revela a arquiteta paisagista.

Ainda na parte de recreio salta à vista a arquitetura presente, desde a escadaria monumental de vários lances com patamares intercalares que ligam os dois terraços e na qual figura uma escultura, aos dois lagos e à fonte das 40 bicas. Estão em funcionamento diariamente entre as 15 e as 17 horas, uma solução de menor custo encontrada pelo jardim para satisfazer o período com mais visitas. Segundo Sónia Talhê Azambuja, presidente da Associação dos Amigos do Jardim Botânico da Ajuda, “o historiador Ayres de Carvalho atribui ao arquiteto da Casa Real Marques Caetano de Sousa a autoria da balaustrada e da escadaria que fazem a transição entre os dois terraços deste jardim”. A obra escultórica está ainda ligada a nomes como Silvério Martins e do mestre canteiro João Gomes.

Sendo o Jardim Botânico da Ajuda um imóvel classificado como de interesse público por estar localizado na zona circundante do Palácio Nacional da Ajuda, há uma preocupação constante com a manutenção deste património. E é esse um dos objetivos de atuação da AAJBA que, entre 2010 e 2018, angariou 150 mil euros para obras de conservação e restauro. Entre novembro de 2017 e março de 2018 procedeu à recuperação da fonte das 40 bicas e dos dois lagos adjacentes. “Estabelecemos uma parceria com a Faculdade de Arquitetura da Universidade de Lisboa para o levantamento 3D com uma tecnologia que se chama *laser scanning*, da fonte das 40 bicas. É um levantamento mais exato e que se tem estado a fazer em Pompeia e noutros sítios. Para já é só a fonte, mas falou-se em estendê-lo a todo o jardim, sendo que esta tecnologia tem uma vertente não só científica e de documentação, mas também de divulgação dos espaços”, revela Sónia Talhê Azambuja.

Além de ajudar a preservar o jardim, esta associação organiza viagens, cursos de jardinagem, bem como eventos e palestras de divulgação científica. O ensinar para a comunidade é algo que também está enraizado nesta estrutura, já que “no tempo de Félix Avelar Brotero funcionou no jardim uma escola de jardinagem avançada do ponto de vista técnico”, salienta a presidente da AAJBA. Também no início do século XXI houve um oficina de jardinagem, dirigida pela arquiteta paisagista Teresa Chambel, com o apoio do IEFP.

Ainda no terraço inferior resta o portão em pedra que dava acesso ao Museu de História Natural e à Casa de Risco, cujos edifícios estão lá à espera que lhes seja dado um destino. “Contam-se histórias de que numa placa castanha que aqui está seria onde D. Carlos treinava tiro ao alvo e está cravejadinha de chumbos”, revela Dalila Espírito Santo.

Mandado fundar pela monarquia há 250 anos, após a morte do diretor Félix de Avelar Brotero em 1828, o jardim passou por uma fase de decadência. Em 1836, o Real Museu e Jardim Botânico da Ajuda

foi confiado à administração da Academia Real das Ciências e todas as coleções, arquivos e pertences passaram para esta instituição. Apenas o jardim botânico permaneceu na Ajuda, mas sob a administração da Academia até 1839, altura em que é incorporado na Escola Politécnica. Em 1874 foi entregue novamente à administração da casa real, tendo decaído progressivamente. Com a implantação da República perde real no nome e passa à denominação atual e foi entregue ao Instituto Superior de Agronomia da Universidade de Lisboa.

Cristina Castel-Branco lembra que “com a criação do Jardim Botânico de Lisboa, sob a alçada da Faculdade de Ciências, este começa a perder o interesse científico e a ganhar o de recreio”. Durante o Estado Novo, conta a professora, produzia flores para os ministérios e teve uma função importante no ensino da horticultura, onde se fizeram experiências de hibridação, estacaria e ensino das plantas. Era também usado para as praxes académicas. “Era a memória do primeiro dia de aulas, em que se saía do jardim enfarinhado da cabeça aos pés, molhado, pintado e maltrapilha”, recorda. Durante o tempo em que dirigiu esta estrutura, entre 1997 e 2002, relembra que algumas reuniões de mecenato foram feitas debaixo da copa de uma acácia do Japão que, ao florir, deixava os convidados extasiados e mais propensos a ajudar.

Aquando da recuperação que liderou, criou-se um jardim de aromas, e que antes de sair pela porta da Calçada da Ajuda poderá visitar. Situa-se por trás dos chalés da receção, numa zona de horta que estava abandonada. “Desenhámos um espaço único no país, com bancadas altas, acesso a cadeira de rodas e etiquetas em Braille a identificar uma variada coleção de plantas de cheiro”, finaliza.

FUTURO NA MULTIDISCIPLINARIDADE

Depois de visitado o jardim e revelados os seus segredos, resta saber que futuro se reserva a estruturas como esta. “Devemos ser das poucas universidades do mundo com este espólio”, refere José Manuel Pinto Paixão, vice-reitor da Universidade de Lisboa com o pelouro dos jardins botânicos, já que além do da Ajuda, tem também sob a sua alçada o de Lisboa e o Tropical. Acredita que o futuro passa pela investigação e pela formação, incluindo da comunidade em que se insere e, pela vertente de lazer. Estando inseridos numa universidade, “estes espaços devem ser utilizados para o cruzamento de saberes, seja da vertente de história, com a botânica e a arquitetura, já que na vida tudo é interdisciplinar”, afirma o vice-reitor.

Já Dalila Espírito Santo não tem dúvidas de que a função atual dos jardins botânicos é “educação, investigação, conservação e por último o lazer, e o JBA teve sempre essas funções desde o seu início”. Em 2010 foi fundado o banco de sementes que é essencial para fazer trocas entre jardins a nível internacional e é “a única maneira de se manterem as coleções botânicas”, afirma.

Com dois séculos e meio de existência, a passagem do tempo é visível neste espaço e há reparações que urge fazer. Está adjudicada, por exemplo, a obra de reparação e pintura do muro e prevista a limpeza e manutenção dos lagos da entrada. Quanto às plantas, continuarão o seu percurso, a nascer e a morrer e a contribuir com o seu vigor para a vida do jardim. ●

mfreitas.externo@impresapt

E

A Revista do Expresso

EDIÇÃO 2101
3/NOVEMBRO/2018



a gente de **Trump**

Viagem ao coração da América esquecida, mas que não perde a fé em Donald. Nas vésperas das intercalares, o sonho maior é a reeleição do Presidente em 2020

Por **Ricardo Lourenço**,
correspondente nos EUA

+

Espionagem

Os mapas soviéticos das nossas cidades
Por **Paulo Anunciação**,
em Londres

Entrevista a Inês Henriques

Marcho, logo existo
Por **Alexandra
Simões de Abreu**